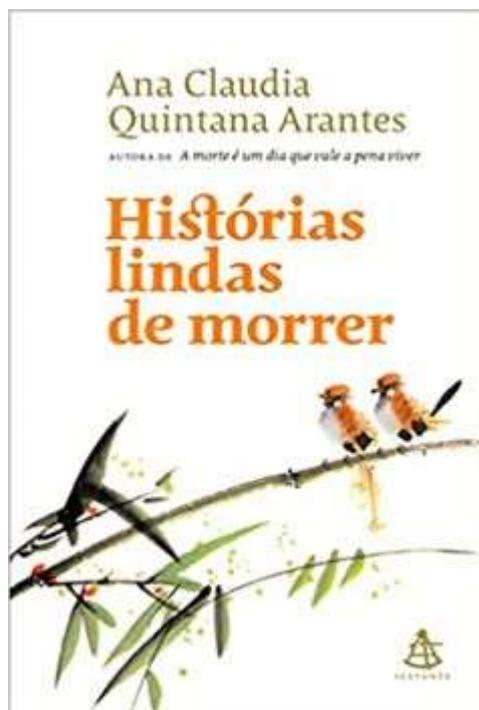


Entre a morte e a vida, segundos de vida

FELIPE FIGUEIRA*

RESENHA:

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Histórias lindas de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.



A leitura de “Histórias lindas de morrer” se deu em um momento marcante da minha vida, menos de quatro meses após a morte do meu querido vô Adelino. Meu avô faleceu em 25 de julho de 2021 e a leitura deste livro foi feita entre 14 e 16 de novembro. Lembro-me do vô Adelino com tanto carinho, como se ele estivesse à minha frente, rindo e deixando que eu

brincasse e implicasse com ele. Por décadas nos vimos diariamente. Ele nunca estava de mal humor, especialmente para os netos. Quando de sua morte, só pude chorar e chorar, mas agradecer e agradecer por sua existência.

O livro de Ana Claudia, médica paliativista, mais do que falar da morte, nos fala da vida. É a vida o tema de sua obra, e, como parte da vida, a morte. É por isso que a cada história o que se capta não é a frieza do nada, mas a grandeza do tudo. E o que seria esse tudo? A certeza de que “desta vida” não se leva nada e que o que há de melhor é o amor. Diz a autora:

Embora quase tudo o que faz a gente perder o sono gire em torno de problemas concretos, na beira da morte ainda não ouvi ninguém dizer que a vida valeu a pena porque nunca foi demitido, nunca levou um fora ou nunca perdeu a paciência. Até hoje, não ouvi ninguém se despedir da vida dizendo: “Morro feliz porque sempre tive bom senso.” Ainda não ouvi ninguém dizer que está morrendo em paz porque tem casa própria ou porque trocou de carro todo ano. Por enquanto, ninguém me confidenciou



* **FELIPE FIGUEIRA** é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí. Licenciado em História pela UNESPAR, em Pedagogia pela UNINTER, e Bacharel em Direito pela UNIPAR (campus Paranavaí). Mestre em Educação pela UEL, Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

que estava pronto para morrer porque sempre teve dinheiro guardado para uma eventualidade. Aqueles que adoram repetir as palavras “nunca” ou “sempre” devem se preparar para uma boa lição lá na última curva.

Se essa gente boa se preocupasse em cuidar bem de perto de tudo que a gente não pode comprar seria muito mais fácil ser feliz, porque na vida o que conta mesmo é o que não se conta. (ARANTES, 2020, p. 48 – grifos da autora).

Todo mundo sabe que a morte um dia chegará. Contudo, por diversos fatores, esse saber é marginalizado – e isso não é bom. É preciso meditar sobre a finitude, é preciso angustiar-se diante da possibilidade da perda de um ente querido. Com a angústia o ser humano tende a se voltar ao que há de essencial, no caso, ao amor. Eu sei que essa perspectiva é otimista, mas, às vezes, é preciso ser otimista. Eu sei que há quem pense na morte somente sob o viés material, no que ganhará (herança) e no que deixará. Porém, contra essas perspectivas, que mais se assemelham a fugas, é que o otimismo anterior se justifica.

“Histórias lindas de morrer” é um livro leve de ler. Em poucas horas é possível passear por várias páginas. Porém, que ninguém se engane: esse não é um texto feito para ser consumido ou devorado. A cada página, como a autora afirma, é como se estivéssemos diante de um mestre que nos ensinará o que de mais importante aprendeu sobre a vida. Fico a imaginar o tanto de sabedoria que mora nos asilos e nos hospitais e que é deixada de lado; fico a imaginar o tanto de tempo que gastamos atrás de superficialidades quando poderíamos ser mais sábios e inteligentes. Nesses paradoxos banais reside, talvez, o que há de mais trágico: a comum perda de tempo.

Quando cuido de pessoas que morrem enfrentando a própria fragilidade com

o máximo de potência e coragem, encontro seres humanos no ápice de sua sabedoria. Agora, imagine que cada um desses seres humanos que encontrei ao longo de minhas peregrinações como médica paliativa pudesse estar com você por uma noite para revelar o segredo da vida. Imagine que cada um desses mestres chegasse à sua casa para uma conversa a sós, com um sorriso de total disponibilidade, presente e iluminado, tendo como único propósito ensinar a você o que realmente importa aprender. Essa pessoa já completou sua vida. Já tem seu diploma, um legado reconhecido, e agora pode lhe mostrar o caminho que a fez chegar dessa forma diante de você, pronta para ouvir as angústias e dúvidas dos tempos que você atravessa agora. Imagine que a sabedoria de cada pessoa que se expressa aqui, por meio das minhas memórias, está a serviço de ouvir suas inquietações e seus temores, oferecendo amparo e escuta. (ARANTES, 2020, p. 13-14).

Outra característica do livro é que ele não se sustenta em pensadores para se justificar. A autora se ampara em seu dia a dia como médica paliativista e, por meio das histórias de seus pacientes, nos mostra a (sua) realidade. É certo que para escrever, Ana Claudia valeu-se de outros autores, por exemplo, de Clarice Lispector. Porém, a sua obra não é um tratado científico sobre a morte (ou sobre a vida), mas um testemunho. A médica fala sobre a vida na vida. Nas palavras de Lispector: “Na hora de minha morte, eu também/ não serei traduzível por palavra.”

Uma das histórias que mais me impressionou ao longo da obra foi a de P. Detalhe: a autora não cita o nome dos pacientes, apenas os indica por meio de letras. P. era um homem de pouco mais de quarenta anos, testemunha de Jeová, e que em seu rosto a serenidade e o espírito conselheiro se manifestavam. Mesmo com o nível de hemoglobina em 3,2, quando o

normal para homens adultos é de 14, ele não perdia o ânimo para receber visitas e ajudá-las por meio de conselhos. Intrigada com tamanha paz, a médica perguntou-lhe como fazia para ser assim, ao que ouviu o seu amor pela Bíblia e que tudo o que de ruim ocorresse, passaria, e que tudo o que de bom sucedesse, também passaria, o que significa que é preciso ser feliz em todo tempo, independente se diante de momentos bons ou ruins. Nas palavras de Dom Quixote a Sancho:

- Olha, Sancho, um homem não é mais que outro se não faz mais que outro. Todas essas tempestades que nos acontecem são sinais de que logo o tempo vai acalmar e vão nos acontecer coisas boas, porque não é possível que o mal ou o bem durem sempre, do que se conclui que, havendo o mal durado muito, o bem já está perto. Então, não debes te impressionar com as desgraças que me acontecem, pois a ti não te cabe parte delas. (CERVANTES, 2013, p. 212).

Meu pai, que faleceu em 20 de novembro de 2013, sempre me falava: “Eu posso ser chato, bravo, o que for, mas eu te amo.”, e o vô Adelino, pai do meu pai, me dizia: “É preciso se esforçar para ter paz com todo mundo.” Em essência, a vida é exatamente isso: repleta de momentos bons e maus, mas que, ao fim (desde o princípio) nos levam à felicidade.

Um livro desse porte, grandioso, não deixa de surpreender o leitor até que a última página seja lida. Ana Claudia relata os últimos dias de seu pai e isso emociona. Quanto a mim, a emoção foi dobrada, pois a doença que levou o pai da autora foi a mesma que levou o meu: pancreatite, “a doença mais grave da medicina”, como dizia um dos professores da médica.

No caso de Ana Claudia, assim que o seu pai foi internado na UTI, ele foi muito mal cuidado, ao ponto de a autora perder a paciência:

Perdi a calma. Mas não a capacidade de me expressar com clareza.

- Só falta agora você me dizer que deu meridiana pro meu pai.

- Dei, sim, por quê? – O tom dela era insolente.

- A meperidina é um medicamento analgésico que está proscrito da caneta de bons médicos há mais de 20 anos (...) Fui clara ou quer que eu prescreva?

A mulher cresceu diante de mim.

- Quem você pensa que é?

- Eu sou médica, e você é o quê? (ARANTES, 2020, p. 190-191).

Quanto ao meu pai, ele também foi muito mal cuidado no Pronto Socorro, a ponto do médico, vendo-o convulsionar, dizer que era crise de abstinência aos seus remédios de pressão. Quantas mazelas existem na sociedade quantos descasos existem e passam impunes... No entanto, é contra essas mazelas que “Histórias lindas de morrer” luta, e que eu, na medida do possível, também busco lutar. Trata-se de uma luta quixotesca. Que assim seja.

Referências

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Histórias lindas de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de la Mancha** (vol. 1). Trad. de Ernani São. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Recebido em 2023-04-21

Publicado em 2023-06-08